

## Orientação espacial e a Geografia de Dona Benta: observações pela experiência vivida\*

Filipe Rafael Gracioli\*\*  
João Pedro Pezzato\*\*\*

### Resumo

Entendendo que a relação estabelecida entre a Geografia científica e outros saberes, como o da literatura, pode nos levar a repensar as relações humanas com o espaço, trazemos este texto. Concebido a partir dos detalhes de uma narrativa da literatura infantil, chama-nos a atenção um ponto particular de sua textualidade ao tratar da concepção de localização e de orientação no espaço geográfico. Reformulando um tema clássico do ensino de Geografia, dado pela relação corpo humano-astro celeste, Monteiro Lobato imprime originalidade ao abordar a orientação espacial, a do corpo humano-experiência de vida, provocando um processo de repensar o lugar pela experiência geográfica do espaço.

### Palavras-chave

Experiência; espaço geográfico; orientação espacial; Monteiro Lobato.

### Abstract

Understanding that the relation between the scientific Geography and other scientific knowledge, such as literature, can lead us to rethink human relationships with the space, we bring this text. Designed from the details of a narrative of children's literature, our attention is drawn to a particular point of his textuality when treating the idea of location and orientation in geographic space. Reshaping a classic theme of Geography teaching, given by the relation human-body-heavenly body, Monteiro Lobato prints originality when addressing the spatial orientation of the human body-life experience, triggering a process of rethinking the place by the geographical experience of space.

### Keywords

Experience; geographic space; spatial orientation; Monteiro Lobato.

---

\* Artigo recebido em 11/2013 e aprovado em 06/2014.

\*\* Mestre em Educação pela UNESP (2013), campus de Rio Claro. Graduado em Geografia pela mesma instituição, nas modalidades licenciatura (2010) e bacharelado (2011)

\*\*\* Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (2001), com Pós-doutorado na Universidade de Santiago de Compostela. Professor nos Programas de Pós-Graduação em Educação e Geografia da UNESP.

## Introdução

O texto que aqui trazemos resulta de um recorte extraído da dissertação de mestrado intitulado (*substituído para avaliação*), ambos situados em um âmbito que podemos enquadrar como de competência dos campos de saberes da Geografia e da Literatura ou, talvez, de uma possível Geografia literária.

A proximidade entre estes saberes que na construção da cultura letrada caminharam lado a lado, rendeu-nos obras de imenso valor cultural, verdadeiros monumentos literários, sínteses da forte ligação entre o homem e a terra - o espaço - que em nossa cultura de brasileiros respondeu pela criação de nossa identidade. Neste mundo de monumentos figura a obra de Monteiro Lobato que elegemos para estudo, a *Geografia de Dona Benta* (1935), marco transgressor de uma cultura literária infantil que, de importada e moralizada, passa a uma cultura sensível a experiência do leitor, chamativa à construção de si próprio como sujeito do vivido, possuidor de uma identidade – claramente a brasileira – já no início do século passado.

Dentro do rol de possibilidades investigativas que a literatura da Geografia de Dona Benta nos oferece chama-nos a atenção um ponto particular da narrativa expressada por Lobato, que se resume na sua concepção de localização e de orientação no espaço geográfico. Reformulando este tema clássico do ensino de Geografia, dado pela relação corpo humano-astro celeste, Lobato imprime outra relação de situação espacial: a do corpo humano-experiência de vida, um processo de repensar o lugar pela experiência geográfica do espaço.

Pela investigação dos sinais e dos indícios manifestados na narrativa da obra em questão mas, sobretudo, em uma das ilustrações editadas na primeira tiragem do livro em 1935, que resgata a noção de localização no espaço em que, além dos elementos clássicos do posicionamento corpo-Sol outros tantos vêm para nos ajudar nesta busca pela orientação no mundo, que passa também pela orientação em nós mesmos, pela investigação destes indícios é que formulamos as ideias que aqui trazemos, como uma contribuição para o repensar das tradições conceituais.

## Desenvolvimento

O olhar geográfico sobre o tema da literatura não é recente. Os caminhos que cruzam o conhecimento literário derivado das literaturas romanescas, regionalistas ou mesmo

poéticas sempre se encontraram com os caminhos que os saberes de teor geográfico traçaram ao longo dos tempos. Ambos estes conhecimentos estiveram conectados entre si pela fatalidade da língua, ou da linguagem, no sentido de que o conhecimento geográfico como expressão de uma espacialidade não pode manifestar-se concretamente como conhecimento sem o suporte de uma linguagem que forneça a materialidade para a sua expressão.

Tão antigos quanto a própria literatura, os saberes geográficos, como expressão espacial, estiveram alocados nas diversas linguagens utilizadas pelo gênero humano para fins de comunicação e de socialização, expressados, por exemplo, nos sons emitidos pelos seres humanos primordiais e nas representações gráficas nas paredes de suas habitações. Barthes (2010) nos chama a atenção para o aspecto de empoderamento que a linguagem historicamente carrega, sendo a linguagem correspondente a uma legislação, ao passo que a língua se inscreve como o seu código. “Não vemos o poder que reside na língua, porque esquecemos que toda língua é uma classificação, e que toda classificação é opressiva [...]” (BARTHES, 2010, p. 12).

Se desde os inícios da escrita formal a representação do espaço era vivificada apenas como suporte para o desenvolvimento da ação cotidiana, com o desenvolvimento da literatura como expressão de um sistema representativo de uma cultura a perspectiva de espaço passa a ocorrer de maneira integrada ao desenvolvimento desta ação ou dos fatos narrados. O espaço passa então a significar não apenas receptáculo, mas protagonista da trama apresentada, funcionando como agente mobilizador e de empoderamento das ações no encaminhamento dos fatos.

Corrêa e Rosendahl (2007) elaboram uma reflexão a respeito do teor dos estudos geográficos que se debruçam sobre a literatura como campo de conhecimento auxiliar na investigação das tramas do espaço. Para estes autores, a visão geográfica sobre a literatura:

[...] constitui-se em um olhar distinto daqueles que há mais tempo dedicam-se à análise da literatura e da música, críticos e pesquisadores das áreas de letras, música, ciências sociais e comunicação. A distinção inicia-se pela própria seleção das obras a serem analisadas. Ao geógrafo interessam aquelas nas quais o espaço e o tempo não sejam meros panos de fundo, necessários e insubstituíveis, mas parte integrante da trama, sem os quais esta não poderia ser construída, tornada inteligível e identificável. (CORRÊA e ROSENDAHL, 2007, p. 8).

Na Geografia de Dona Benta, a escrita de Monteiro Lobato convida o leitor ao exercício da captura dos indícios sublinhados nos temas, diálogos, palavras e ilustrações

que dão corpo ao seu texto. Neste sentido, para tanto, nosso propósito de estudo se escora no argumento de Marc Brousseau que admite para a pesquisa em literatura, a partir dos aspectos geográficos da escrita, uma aproximação metodológica àquela dada pela narrativa de Carlo Ginzburg em *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história* (1999), no capítulo em que apresenta e discute o paradigma indiciário.

Em linhas gerais, os fundamentos deste paradigma, desenvolvido a partir da investigação atenta aos detalhes e às particularidades contidas nas obras artísticas, justificam-se pela noção de que há sinais, indícios, que permitem decifrar os pontos opacos da realidade, competindo à intuição – a intuição mesma permitida pelos sentidos – captar tais indícios. Ginzburg assinala ainda que os saberes captáveis a partir da atenção aos pormenores se apresentam como formas de saber tendencialmente mudas, de modo que não constituem saberes modulados por regras formais. “Nesse tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição.” (GINZBURG, 1999, p. 179).

Não só os sinais manifestados na linguagem textual expressada na Geografia de Dona Benta, mas também nas ilustrações que narram graficamente as situações vividas pelos personagens de Monteiro Lobato nos deixam concluir pela interpretação de que uma Geografia revisitada nos parâmetros da aproximação com o tempo e o espaço vividos pelos estudantes-leitores, do início do século passado, se fazia urgir.

Figurando ao lado de obras de teor didático voltadas para o público escolar de um Brasil recém República, porém não oficialmente utilizada com este intento, a Geografia de Dona Benta traz nas suas ilustrações a tentativa de concretizar o espaço contado, oralidade traduzida pela linguagem gráfica. Convém que prestemos atenção ao que nos esclarece Bittencourt (1993) em sua tese de doutorado, sobre a ilustração contida no livro didático da época em questão: “As ilustrações dos livros didáticos favoreciam, [...] dentro das concepções de aprendizado, uma forma do aluno ter contato com situações mais concretas. Entretanto, pelas condições em que ocorreu o processo de construção da obra didática, as ilustrações serviram como um instrumento a mais na veiculação da cultura européia. [...]” (BITTENCOURT, 1993, p. 297).

Segundo a autora, a ilustração no livro didático, a depender dos conteúdos das disciplinas, tornava-se uma necessidade, tal como nos livros de Geografia, que traziam uma “dificuldade complementar com a questão das representações espaciais, condição

que tornava imprescindível a apresentação de mapas [e esquemas]”. (BITTENCOURT, 1993, p. 297 - adaptado).

Considerando que a obra de Lobato não veio a representar didaticamente uma fonte de conhecimento memorável à posteridade, quanto ao aspecto da representação cartográfica, em função da ausência das tecnologias para a execução de representações e mesmo em função de um teor que foge ao do ensino de um conhecimento de Geografia com base cartográfica, o mesmo, no entanto, não se pode dizer sobre as ilustrações, que certamente ocupam lugar significativo na memória dos que pela obra se iniciaram geograficamente.

O referencial de localização e de situação geográfica trabalhado na Geografia de Dona Benta está presente também na obra didática de uso escolar que lhe é contemporânea. Inclusive, algumas mesmas ilustrações figuram tanto em uma quanto em outra produção, o que nos permite concluir que a construção da Geografia de Dona Benta foi inspirada nos compêndios e livros didáticos da época, resgatando e reforçando um conteúdo de Geografia universal no contexto da educação escolar brasileira. Além disso, é-nos permissível também concluir pela didatização que contém a obra lobatiana, pelo uso que faz de elementos clássicos no ensino de localização e orientação no espaço, como o uso da bússola e do corpo como ponto de referência em relação ao Sol, tidos secularmente como as únicas maneiras de orientação possíveis veiculadas pelos materiais didáticos no ambiente escolar.

As figuras seguintes, 1, 2 e 3, trazem a ilustração contida na Geografia de Dona Benta e as figuras contidas em livros didáticos contemporâneos a ela, e nos asseguram as conclusões que viemos apontando:



Figura 1 – Pontos cardeais e o clássico sentido de orientação pelo Sol.

(LOBATO, 1935, p. 17)  
Crédito da imagem: Autor 1, 2012.



Figura 2 – “Maneiras de orientar-se”.  
(FTD, 1923, p. 2)  
Crédito da imagem: Autor 1, 2012.



Figura 3 – “Orientação”.  
(THIRÉ, 1913, p. 1)  
Crédito da imagem: Autor 1, 2012.

Boligian e Almeida (2011) nos trazem um resgate histórico das ilustrações expressadas nos livros didáticos do período compreendido entre o final do século XIX e início do século XX. Segundo os autores a obra *Terra Ilustrada. Geographia universal, physica, etnografica, politica, economica das cinco partes do mundo*, de Eugênio de Barros Raja Gabaglia, editado na década de 1880, interpõe-se na história do livro didático no Brasil como a precursora deste segmento literário no país, e é dela que todas as demais obras se valeram para a formação de seus textos. Indicam Boligian e Almeida que diversas ilustrações desse livro foram copiadas por outros, chegando até os dias atuais como verdadeiros “ícones” do ensino de cartografia. Dentre as ilustrações é, sem dúvida, a que remete à orientação espacial pela relação corpo-Sol a mais reproduzida dentre as expressadas nos compêndios de Geografia e também a que teve

o poder de quase perpetuar a ideia de que as direções cardeais estão associadas aos lados do corpo humano (direito/Leste – esquerdo/Oeste) e levar ao esquecimento de que essas direções resultam do movimento de rotação da Terra, o qual ocasiona o movimento aparente do Sol, conhecido desde a Antiguidade como referência para a orientação e a localização. (BOLIGIAN e ALMEIDA, 2011, p. 89).

Todavia, à diferença das ilustrações expressas nos livros didáticos, a ilustração presente na literatura da Geografia de Dona Benta destoa quanto ao posicionamento em relação ao Sol. Nas ilustrações dos livros didáticos mantém-se o norte sempre à frente da cabeça do observador, ao passo que na ilustração da obra de Lobato o leste, “lugar onde está a luz”, mantém-se à frente de quem observa, indício de uma reticência do

pensamento do autor. Seriam as imagens contidas na Geografia de Dona Benta apenas representações situacionais, sem o compromisso com o respeito aos conteúdos veiculados oficialmente nos livros de teor didático?

Se de alguma maneira podemos constatar uma fragilidade no conteúdo cartográfico veiculado pela obra de Lobato, em função da ausência das tecnologias para a execução de representações de qualidade técnica apurada e mesmo em função de uma escrita, cujo teor foge ao ensino de um conhecimento de Geografia com base cartográfica, o mesmo, no entanto, não se pode dizer sobre as ilustrações. A figura 1 chama-nos a atenção para um indício especial que corrobora com a negativa que damos como resposta à questão lançada: no pensamento reticente de Lobato o norte não tem necessariamente correspondência com o referencial magnético do geóide Terra, mas sim o significado de retorno e de valorização da experiência geográfica da vivência do espaço, uma aporia espacial.

Miranda (2007) nos traz à discussão a ideia de indefinição ou incerteza que envolve as formas como os conteúdos da localização e da situação espacial, integrantes da vulgata da Geografia escolar brasileira, nos são apresentados nas publicações geográficas, inclusive quanto à pertinência ou adequação ou mesmo à necessidade de se ensinar e aprender a determinação das direções cardeais no lugar através das direções corporais. Segundo este autor:

Essa idéia equivocada de que o norte é ou está em cima e o sul embaixo pode se dar também pelo uso comum de mapas colocados na vertical, como na lousa e nas paredes da sala de aula [...] Mas, mesmo com o mapa colocado na horizontal, essa idéia pode se originar ainda pela orientação convencional dos mapas com o norte correspondendo à parte superior do suporte que, no uso convencional da folha de papel, corresponde a **para cima** e, a parte inferior, **para baixo**, como empregamos essas direções na folha quando desenhamos. Portanto, relacionar os hemisférios do globo com lados e partes do corpo, [...] só pode reforçar aquela associação rígida e equivocada com norte-sul e em cima-embaixo e também entre direita-esquerda com leste-oeste, como se os hemisférios do globo e as direções cardeais existissem ou fossem definidas no próprio corpo, contribuindo para uma “incorporação” das direções geográficas pelo aluno. (MIRANDA, 2007, p. 8-9 - grifo do autor).

A contribuição de Miranda nos permite desenvolver um raciocínio envolvendo a noção de orientação espacial dada em Lobato. No nosso entendimento o que ocorre é, na verdade, uma interpretação equivocada da situação de orientação pelo sistema de posicionamento corpo-Sol, decorrente da criação e do uso de um referencial de localização que não satisfaz a universalização da prática porque não correspondente a uma incorporação dos pontos no próprio corpo, embora não possa ser descartado. No

contorno desta incerteza os livros didáticos, como as demais vulgatas da Geografia escolar e também a própria Geografia de Dona Benta, recorrem ao recurso da observação das estrelas ou da técnica da bússola como pontos de orientação fixados pelo referencial do norte magnético do planeta Terra, prática que assegura ao homem a localização precisa a partir de um referencial estabelecido como propósito a sua sobrevivência mais facilitada no planeta.

Mesmo assim, o fato de a Terra localizar-se num espaço cósmico, entendido como Universo, até então impossível de ser representado cartesianamente porque racionalmente desconhecido quanto às suas dimensões, inviabiliza qualquer tentativa de estabelecer referenciais fixos – ora, a Terra mantém-se suspensa em um espaço tendente ao infinito. Sendo assim, não se é possível estabelecer razões de orientação para um sistema que se expande para “todos os lados”; no entanto, como saída à imediata sobrevivência humana no espaço concebido pela técnica, o referencial passa então a representar uma questão necessária, de ordem prático-teórica.

Talvez, diante da constatação destes indícios e principalmente do contorno do relativismo das técnicas de orientação espacial, surge a concepção artística para o referencial espacial trabalhado por Lobato, e que vem para reforçar a ideia do espaço-mito: o inalcançável, o eterno, o ilimitado e, sobretudo, indecifrável espaço. Na concepção artística da obra talvez a preferência pelo uso da casa em vez do Sol como ponto de partida para o exercício de localizar-se (o dar sentido à existência do lugar que se ocupa no espaço) e da presença dos seres vivos “do lado de cá” da imagem, junto aos olhos do leitor, venham a simbolizar a importância da vida vivida, no lugar de origem, do centro de todas as coisas, a experiência geográfica que nos orienta e que nos leva a todo lugar, inclusive para o lugar que ocupamos dentro de nós mesmos. Nossas origens, contidas em nosso passado, único, pessoal e alcançável somente por nós mesmos, interpretam-se como o próprio espaço-mito, e assim como o universo cósmico, independem de orientação ou de situação, pois são elas mesmas, a própria orientação.

Tão forte na obra e no pensamento de Lobato, a casa se nos mostra como o signo do retorno a nós mesmos, à certeza da infalibilidade da experiência que levamos conosco tempo e espaço afora e que nos assegura a certeza do chegar, do caminho certo a percorrer. A casa “muito mais do que um espaço concreto, assume um significado de uma imagem que remete à infância, a entrada num universo próprio diferenciado, mas

ao mesmo tempo próximo do leitor.” (GOUVÊA, 1999, p. 18). Ao escrever para a criança, numa linguagem de evasão do cotidiano adulto e de aversão aos cânones da literatura infantil de sua época, Lobato transporta o leitor a um universo interno ao texto, recriando uma Geografia com fundamento na literatura do imaginário, da fantasia lúcida, mas sobretudo da experiência que toca a formação do leitor, ou seja, uma questão de localização a partir das raízes de nossa consciência de humanos, de retorno e de deslumbre da casa que é a nossa experiência, e também a nossa luz-guia, como é o Sol.

### **Considerações finais**

Da obra de Lobato podemos constatar uma subversão dos paradigmas da produção literária brasileira dirigida para o público infantil escolar de sua época, buscando na criança e no jovem estudante um público que de espectador passa a autor de sua história e injetando-lhe uma dose significativa de auto-valorização, a partir da sua conduta de atenção ao relacionar-se com o espaço geográfico. Esta conduta, que abre caminho para a trajetória da experiência geográfica vem acompanhada, na Geografia de Dona Benta, de uma humanização do conhecimento relacionado à compreensão do espaço, expressando uma tendência presente também no livro didático contemporâneo a esta obra, como resultado da investida escolanovista na transformação da concepção de escola e de conhecimento escolar no país.

A relação estabelecida entre a temática a que nos debruçamos e a cartografia como ciência leva-nos a concluir que a cartografia reproduzida no ambiente escolar e que atravessa diversas temporalidades, consiste na permanência de conhecimentos que, segundo Almeida (2011) podem ser chamados de “núcleo duro”, ou seja, um conjunto de noções, conceitos e temas, “como ‘direção e orientação’, ‘forma da Terra e movimentos dos astros’, ‘linhas imaginárias: paralelos e meridianos’, ‘coordenadas geográficas: latitude e longitude’, ‘mapa’ e ‘globo terrestre’, que entendemos [...] como permanências no currículo brasileiro de Geografia para o ensino secundário aproximadamente nos últimos dois séculos.” (ALMEIDA, 2011, p. 14). Esses conteúdos que corporificam a Geografia levam-nos à verificação de que “a Geografia escolar surge não como uma vulgarização ou uma adaptação de conhecimentos geográficos

científicos, mas sim como uma forma de conhecimentos particular e original da instituição escolar e para a instituição escolar.” (ALMEIDA, 2011, p. 14).

Em função desta permanência curricular, que se passa como resultado de um jogo de forças entre diferentes grupos sociais e que têm poder para definir o que e como se deve ensinar, nos coloca Miranda (2007) que o encaminhamento mais adequado não seria abandonar ou evitar a relação entre as direções cardeais e corporais, mas fazer compreender que os eixos de orientação espacial norte-sul e leste-oeste correspondem a um sistema de coordenadas definidas pelo movimento de rotação do planeta Terra, e não necessariamente às direções cima-embaixo e direita-esquerda. De modo que a própria cartografia, em seu desenvolvimento técnico, incutiu a ideia do sistema corporal de orientação com fundamento nas direções cardeais, não há sentido em negar esta prática no ensino da orientação e da localização no espaço.

E como nos escreve Eric Dardel, desde sua infância, “nas primeiras civilizações, o homem se municia de marcadores para se orientar: a casa da família, a torre da vila natal, uma colina, as árvores.” (2011, p. 11). Pelo levante, pelo poente, pelo meio-dia são fornecidas as posições do Sol e essas referências nos desenham as regiões do espaço terrestre que têm um sentido primeiramente do vivido e um valor afetivo, sentidos que nos fornecem a possibilidade da experiência geográfica, que “[...] convida o homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social.” (DARDEL, 2011, p. 6).

É a experiência que vem, neste sentido, para marcar a geograficidade que emana da literatura da Geografia de Dona Benta. Se a historicidade é a formulação filosófica da tomada de consciência pela época de que o destino do homem é que ele se realize historicamente – o existir (DARDEL, 2011), a geograficidade vem a significar essa existência no espaço, a realização espacial do homem, que envolve as raízes, os preconceitos, as ideologias e, sobretudo, as permanências e impermanências das identidades com as transformações do espaço.

Como experiência, a Geografia de Dona Benta nos sugere a apropriação sensível do espaço - a experiência geográfica do espaço que implica no sê-lo e não apenas no tê-lo, olhá-lo com olhos de viajante que busca aproveitar o melhor de suas ofertas. Essa experiência geográfica é a célula que desperta no leitor a imaginação e vice-versa, e é dela também que deriva a vontade da criação. Para Vigotski (2009) a criação é o

ingrediente mais fundamental na receita da imaginação; uma vez que não se cria algo novo, a criação só pode vir da experiência, da junção dos pequenos grãos da criação cotidiana que vamos tecendo e que, na sua insignificância, vão dando corpo às grandes criações. É por isso que a criação, que está para todos, porque todos experienciam, todos podem se deixar parar, sentir, absorver, não pode ser vista como exceção, mas como a regra. Na infância a criação se expressa nas brincadeiras: a imaginação da brincadeira do cavalo de pau, da boneca, do exército, ou como pirata, são elaborações da imaginação que se constituem a partir de experiências pelas crianças vivenciadas na sua realidade.

A junção de situações a essas experiências já vivenciadas no plano do real chama-se criação: combinar o velho de novas maneiras - “a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia.” (VIGOTSKI, 2009, p. 22). Como debruçar-se sobre Lobato implica em suspender-se em questões, surge mais um questionamento sobre a sua escrita: será que a diversidade experienciada por nosso autor na biblioteca de seu avô e em Robinson Crusoe ou mesmo nas fábulas e nos contos de seu tempo constituíram material para as construções da fantasia de suas histórias? Se ainda nos acumulam dúvidas sobre os lugares onde Lobato enriqueceu-se e diversificou-se, certamente nos sobram certezas sobre a magia e o poder de sua influência na formação pela experiência em sua criança leitora.

Lobato não exclui ou diminui a importância da prática corporal como referência no espaço, utilizando-se dela para ensinar a sua geografia; no entanto, como sua linguagem não se restringe ao meramente técnico, torna-se possível conceber um sentido de localização espacial que foge a razão da cultura escolar de seu tempo, e que verbaliza uma possibilidade de relação com o espaço até então apenas experimentada na individualidade de cada um.

Ao divulgar que uma didática do conhecimento geográfico é possível pelo viés literário, a Geografia de Dona Benta refunda uma relação com os saberes sobre o espaço, que passam a exigir do leitor um retorno sensível, que caminha mesmo pelos sentidos da imaginação saudável, aquela que dá brecha para o duvidar e para o negar. Uma experiência leitora em Geografia que olha para os pontos opacos dos

conhecimentos geográficos, cuja realidade geográfica “apresenta lacunas, zonas de ‘silêncio’ que escapam da atenção do homem [...]” (DARDEL, 2011, p. 54), mas que podem ser compreendidas.

Ao aproximar literatura, geografia, técnica e fantasia em uma linguagem para crianças e também para adultos, Monteiro Lobato inaugura um pensamento que modifica não somente as maneiras do relacionar-se com o espaço vivido, mas com o espaço sentido, imaginado, o espaço telúrico que permite o olhar para dentro de si mesmo e compreender o significado da experiência geográfica do espaço, aquela experiência orgânica do saber-se como o próprio meio. Lobato aborda um tema que Walter Benjamin, tempos depois, tratará como o movimento necessário e vital de fuga da *cultura de vidro* para a sobrevivência do humano em face de uma pobreza das experiências comunicáveis e vivenciáveis, uma escapada da frieza, da dureza e da lisura das relações com o conhecimento, com o espaço e com a própria vida, e fundamenta com a questão crucial que interroga: “[...] qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?” (BENJAMIN, 1996, p. 115).

A sensibilidade para a questão que possivelmente advém desta relação fundada por Lobato revela o teor do seu pensamento: os sinais, os indícios, os lugares ocultos que a sua escrita traz e que imprime uma identidade ao seu texto, povoado de regras que só a fantasia e o maravilhoso conseguem explicar, que nos transportam para um mundo de repensares e de refazereres, são os sinais da necessária revisitação dos saberes sobre o espaço.

## Referências

ALMEIDA, Rosangela Doin de. Cartografia, cultura e produção de conhecimento escolar. Disponível em: <<http://www.tv escola.mec.gov.br>> *Série Salto para o Futuro*. Acesso em: 01 nov. 2013, p. 8-17.

BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 11 ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 114-119.

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Livro didático e conhecimento histórico*. Uma história do saber escolar. 1993. 369f. Tese de doutoramento. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1993.
- BOLIGIAN, Levon; ALMEIDA, Rosângela Doin de. A cartografia nos livros didáticos no período de 1824 a 1936 e a história da geografia escolar no Brasil. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de. [Org.]. *Novos rumos da cartografia escolar: currículo, linguagem e tecnologia*. São Paulo: Editora Contexto, 2011, p. 71-90.
- BROSSEAU, Marc. Geografia e literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. [Org.]. *Literatura, música e espaço*. Tradução de Márcia Trigueiro. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007, p. 17-77.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Literatura, música e espaço: uma introdução. In: \_\_\_\_ [Org.]. *Literatura, música e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007, p. 7-16.
- DARDEL, Eric. *O Homem e a Terra*. Natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011, 159p.
- FTD. *Geographia Atlas*. Curso elementar. São Paulo: Livraria Alves – Paulo Azevedo & Cia, 1923.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas, sinais - morfologia e história*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 143-179.
- GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. A literatura infantil e o pó de pirlimpimpim. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. [Org.]. *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 13-30.
- LOBATO, Monteiro. *Geografia de Dona Benta*. 1 ed. Série I. v. XXII. Ilustrações de J. U. Campos e Belmonte. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935, 234p.
- \_\_\_\_\_. *Geografia de Dona Benta*. 22 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MIRANDA, Sérgio Luiz. A relação direções cardeais-esquema corporal no ensino de Geografia: uma perspectiva histórica e afirmativa. In: *Anais do 9º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia e V Colóquio de Cartografia para Crianças*. Mundo contemporâneo, práxis educativa e ensino de Geografia. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2007.
- THIRÉ, Arthur. *Geographia elementar*. 11 ed. Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte: Francisco Alves, 1913.
- VIGOTSKI, Lev Semenovitch. *Imaginação e criação na infância*. Ensaio psicológico: livro para professores. Tradução de Zoia Prestes. Comentários de Ana Luiza Smolka. São Paulo: Ática, 2009, 135p.